

Papa Francisco: perspectivas de “fora” de “dentro” e do “centro” sobre seu legado

Papa Francisco: perspectivas desde “fuera” de “dentro” y del “centro” sobre su legado

Pope Francis: perspectives from the “outside” of the “inside” and the “center” on his legacy

Joachim Andrade, SVD¹

Resumo: Este artigo apresenta o legado do Papa Francisco em três perspectivas, analisando a partir de 12 anos do seu pontificado. Jorge Mario Bergoglio, o argentino, o futuro Papa Francisco, na perspectiva de “fora” visto como um dos “avatares” de Deus que visitou a terra para estabelecer a ordem. Na perspectiva jesuítica de “dentro” mostra o valor dos Exercícios Espirituais no processo de discernimento. A perspectiva do “centro” é um olhar interno dentro da própria Igreja com as opiniões divergentes sobre o Pontífice e seu modo de governar suas ovelhas. Por fim, aborda também alguns aspectos marcantes que Francisco deixou como legado que têm uma abrangência universal relevante para toda a humanidade.

Palavra-chave: Legado; Olhar; Perspectiva; Avatar; Intuição.

Resumen: Este artículo presenta el legado del Papa Francisco desde tres perspectivas, analizando los 12 años de su pontificado. Jorge Mario Bergoglio, el argentino, el futuro Papa Francisco, desde la perspectiva de “fuera” visto como uno de los “avatares” de Dios que visitó la tierra para establecer el orden. Desde la perspectiva jesuita de “dentro”, muestra el valor de los Ejercicios Espirituales en el proceso de discernimiento. La perspectiva del “centro” es una mirada interna dentro de la propia Iglesia con las opiniones divergentes sobre el Pontífice y su forma de gobernar a sus ovejas. Finalmente, también aborda algunos aspectos llamativos que Francisco dejó como legado y que tienen un alcance universal relevante para toda la humanidad.

Palabra clave: Legado; Aspecto; Perspectiva; Avatar; Intuición.

Abstract: This article presents the legacy of Pope Francis from three perspectives, analyzing from 12 years of his pontificate. Jorge Mario Bergoglio, the Argentine – the future Pope Francis, from the “outsider” perspective seen as one of the “avatars” of God who visited

¹ . Indiano, missionário do Verbo Divino, radicado no Brasil desde 1992. Possui mestrado em Antropologia Social (UFPR – 2003), doutorado em Ciências da Religião (PUC-SP – 2007) e Pós-doutorado em Teologia/Missiologia (PUC-PR – 2022). Atualmente é professor de Teologia – PUC – Paraná. Assessor do Centro Cultural Missionário (CCM), Brasília e representante de Comitê executivo de IAMS – (International Association for Mission Studies). Autor de vários livros e artigos científicos. E-mail: joachimandrade@terra.com.br



the earth to establish order. In the Jesuit perspective of “insider” it shows the value of the Spiritual Exercises in the process of discernment. The perspective of the “center” is an look from within the Church itself with the divergent opinions about the Pontiff and his way of governing his sheep. Finally, the article also addresses some striking aspects that Francis left as a legacy that has a universal relevance for all humanity.

Keyword: Legacy; Look; Perspective; Avatar; Intuition.

Introdução

A passagem de doze anos de Jorge Mario Bergoglio como Pontífice, foi considerada peculiar e ungiu-se como “novo Pentecostes” no meio do mundo que passava por turbulências, discordâncias, guerras e polarizações visíveis. O pontificado pode ser analisado em diversas perspectivas, pois era marcado pela sua defesa apaixonada da justiça social, do cuidado com os pobres e do meio ambiente, integrando com as preocupações teológicas a partir da simplicidade franciscana e do discernimento jesuítico, acompanhado com as virtudes de escuta e de compaixão. Doze anos do seu pontificado trouxeram novos momentos de convivência dos elementos opostos e complementares como intuição e visão; fé e razão; inclusão e exclusão, assim como centro e periferia, porém precisou pagar o preço para isso. Como diz Paulo Suess (2019, p. 120) “Às vezes, o Papa parece ser prisioneiro da própria instituição que representa”.

Usando os nossos termos e escrever sobre esse personagem, não é uma tarefa fácil, pois exige um silêncio, uma parada, uma oração, pois na pessoa de Francisco, em suas falas, em seus gestos e, mais precisamente, em seu ser encontramos múltiplos significados. Na história da Igreja, encontramos Papas que tiveram seus próprios modos de ser e agir conforme seus tempos e contextos. Porém, no caso de Francisco, observamos algo diferente, pois com ele encontramos uma sintonia profunda com o externo e o interno, santa simplicidade e coerência pessoal. Até sua chegada ao pontificado, as inovações, novidades, clamores e provocações vinham das “periferias” do mundo, implorando o Vaticano, o “centro”, que tomasse devidas providências. No pontificado do Francisco, parece que o jogo virou de lado, as mudanças e novidades foram provocadas a partir do “centro”, conduzidas para as “periferias”, a fim de refletir e implementar. Como ele mesmo dizia, “Não deixemos que roubem nosso entusiasmo missionário” (EG 80) e “Não deixemos que nos roubem a força missionária” (EG 109). Muitas vezes, as periferias não conseguiram acompanhar as inspirações do Papa Francisco, sendo que os apelos sociais e espirituais se encontravam muito bem integrados. Por isso, apresentar o legado do Francisco, por um lado, é uma tarefa simples, pois nos deixou inúmeros escritos, por outro, é difícil, porque precisa escolher aqueles que de fato deixaram as impressões profundas na humanidade.

Pretendemos apresentar o legado do pontífice em três perspectivas distintas. A primeira, a perspectiva de “fora”, aborda, o que outros, pessoas de outras culturas, religiões veem no Francisco. A segunda é de “dentro”; é um olhar jesuítico argentino, como ele conseguiu construir sua visão para realizar a reforma da Igreja. Finalmente, a perspectiva de “centro” é uma análise a partir da própria Igreja que provém de diversos grupos internos com as opiniões divergentes e convergentes. A escolha desses três olhares surgiu da inspiração de sua própria autobiografia onde ele mesmo afirma:



Se o conclave é o momento do *extra omnes*, ou “todos fora”, a Igreja, por sua vez, é caracterizada pelo *intra omnes*, “todos dentro”. Logo após a fumaça branca, o mesmo acontece com o papa. A Igreja é de Cristo. E Cristo é de todos, para todos: “Ide, pois, às encruzilhadas e convidai para as núpcias todos os que encontrardes” (Mt 22,9). Todos são chamados. Todos, então: todos dentro. Bons e maus, jovens e velhos, sãos e doentes. Porque esse é projeto do Senhor. (Francisco, 2025, p. 243)

O processo de inclusão promovido pelo pontífice, talvez tenha sido inspiração para trilhar o caminho das perspectivas de análise que é o conteúdo deste artigo. Pois com ele termina o ciclo de uma Igreja só ocidental e inicia uma Igreja universal, adequada à fase planetária da humanidade, chamada a encarnar-se nas várias culturas e construir um novo rosto a partir da riqueza inesgotável do Evangelho (Boff, 2019).



1. Perspectiva de “fora”

A perspectiva de “fora” nos conecta ao mundo, às percepções dos líderes mundiais, principalmente de outras culturas e tradições sobre o pontífice. Alguns desses consideram o Papa como um líder religioso bem centrado, outros percebem-no como um ser preocupado com as questões humanitárias, principalmente com os pobres e com a Casa Comum, ainda outros pensam em Francisco como um “avatar”², um termo hindu que se refere para uma encarnação divina. O entendimento é que esse conceito aponta que o próprio Deus cruza da região celestial para a região dos humanos, assumindo a forma humana para estabelecer a ordem, ou em sânscrito o *dharma* – valores morais, éticos e espirituais. A sabedoria hindu afirma que existe o tempo chamado de “*kaliyuga*”³ – o momento em que o mundo apresenta muita violência e declínio de valores, justamente nesse momento o divino faz sua intervenção para estabelecer a ordem. Nessa perspectiva, Papa Francisco representa uma dessas visitas de Deus para nossa terra.

Traduzindo ao nosso entendimento cristão podemos dizer que o Papa Francisco é o enviado de Deus, onde encontram “no centro de sua atividade três polos: o encontro com o Cristo vivo, o amor apaixonado pelos pobres e o cuidado da Mãe Terra. O centro é Cristo e não o papa. O encontro vivo com Cristo tem o primado sobre a doutrina” (Boff, 2019, p. 8). O impacto do seu legado de um olhar externo se tornou visível com as homenagens recebidas e participação dos líderes mundiais na celebração eucarística da última despedida, no seu falecimento. Segue um testemunho de um turista hindu indiano, Vinod Sekar que apresentou seu testemunho sobre o Papa com palavras profundas e relevantes ao ouvir do seu falecimento,

2 . Avatar é termo hinduísta, Deus atravessando e visitando a terra como os intervalos. O divino visitou o nosso planeta Terra 9 vezes, e a décima visita seria o fim do mundo, para iniciar o novo ciclo da humanidade. Às vezes eles consideram as pessoas extraordinárias no campo da espiritualidade como visita de Deus, como no caso de Madre Teresa de Calcutá, Mahatma Gandhi assim como Papa Francisco.

3 . O termo “Kaliyuga” deve ser compreendido a partir de uma percepção mais ampla, significando a “Era das Trevas” ou “Era da Discórdia”. O hinduísmo possui quatro idades cósmicas: Krta, Treta e Dwapara e Kali, simbolizando a evolução e o declínio da consciência, moralidade e espiritualidade humanas, onde cada Era subsequente é progressivamente mais curta e menos virtuosa que a anterior. A primeira idade é de ouro, pico da virtude e conhecimento e a última, onde ocorre a degeneração é máxima, caracterizada pela escuridão, ignorância, materialismo e um colapso dos valores espirituais, culminando em uma nova Era de Ouro para recomeçar o ciclo.



Eu só encontrei o Papa Francisco uma vez. Foi breve. Apenas alguns momentos em uma sala lotada, cheia de dignitários e buscadores, alguns por dever, outros por crença. Eu não era católico nem estava lá em alguma peregrinação divina. Eu era apenas um homem que precisava de um pouco de esperança. E de alguma forma, naquele encontro fugaz, eu recebi (Sekar, 2025, p. 1).

Por outro lado, jornalistas e escritores notaram muito bem o lado mais humano do Francisco. Alguns apontam que o Pontífice sempre era o homem com os pés no chão da realidade, sábio e profundamente compassivo. Isso podemos notar no apontamento de uma americana Molly Cahil (2025, p. 1), quando diz:

Um líder que pode dedicar toda a sua compaixão e atenção a uma pessoa que sofre, uma criança vulnerável, e levar a sério suas perguntas, dúvidas e preocupações é aquele que vai, no mínimo, ficar com as pessoas. Francisco mostrou-se alguém que responde não com admoestações ou mesmo necessariamente com a pregação, mas com uma troca viva e presente com outro ser humano.

Francisco foi um reformador que buscou modernizar a Igreja Católica, promovendo uma postura mais acolhedora e inclusiva, mesmo sem mudar dogmas centrais, e reforçou o papel político da Igreja na defesa dos direitos humanos e na busca pela paz. Uma das virtudes do Francisco foi a radicalização da bondade novamente.

Quem lembrou aos poderosos que humildade não era fraqueza. Que falava do amor não como doutrina, mas como dever. Ele não era apenas um homem religioso. Ele era algo muito mais raro, ele era universalmente espiritual. Eu sou um hindu. Meu Deus usa nomes diferentes. Minhas orações vêm em ritmos diferentes. Mas eu teria seguido esse homem através do fogo” (Sekar, 2025, p. 2).

Tudo isso, ele direcionou a partir da coerência pessoal tanto no seu ser como no seu fazer. De certa forma Francisco, em sua fé em Deus, carregava uma crença em todos nós. Seus olhos apresentavam e não viam denominações - eles viam dignidade. Sua voz, sempre suave, mas nunca fraca, carregava o peso da verdade mesmo quando perturbava o confortável. Por isso, na perspectiva oriental, afirmamos que de tempos em tempos, quando aparece alguém como Francisco, nos lembra que os melhores anjos de nossa natureza ainda estão ao nosso alcance. Essa bondade ainda é possível. Que não precisamos ser perfeitos para fazer o bem – só precisamos ser corajosos. O Pontífice era esse homem. Esse olhar externo sobre Francisco indica que nos momentos mais complicados e complexos da atualidade o Papa permanece consistente.

2. Perspectiva de “dentro”

Essa perspectiva refere-se à Companhia de Jesus, iniciou sua trajetória vocacional, sua dedicação eclesial e compromisso social. Ao chegar aos 67 anos de vida consagrada como membro da Companhia de Jesus, não é algo estranho ver que nos 12 anos do seu pontificado a comunicação carregada de gestos e palavras tenha origem na espiritualidade dos Exercícios



Espirituais de Santo Inácio de Loyola. É difícil identificar o que é inaciano, o que é franciscano e o que é do próprio Bergoglio, porém existem alguns traços marcantes da espiritualidade inaciana. Os aspectos inacianos ficaram mais nítidos quando ele mesmo fez questão de ressaltar isso em julho de 2013, no voo de volta a Roma da viagem que fizera ao Rio de Janeiro para a Jornada Mundial da Juventude, quando perguntado se ainda se sentia jesuíta como Papa, ele assim respondeu: “Eu me sinto jesuíta na minha espiritualidade, na espiritualidade dos Exercícios, a espiritualidade que eu tenho no coração” (Santos, 2025, p. 1).

O pontificado do Papa Francisco permanece, com certeza, marcado em nossa memória afetiva por aquilo que ele fez como pastor da Igreja. Criou-se um sentimento de que pela primeira vez um pontífice foi visto como Pai que cuida dos seus filhos com uma linguagem mais eclesial, comunicando “o pastor deve conduzir o rebanho pelo cheiro das ovelhas”. Isso indica que Francisco, com seu carisma pessoal de pastor, sempre buscou se aproximar das suas ovelhas e não deixar ninguém de fora do rebanho de Cristo.

A partir de suas primeiras aparições e declarações, surpreendeu a todos, invertendo bispo de Roma, mudando de residência e quebrando os protocolos. Mas além desses gestos renovadores, apresentou-se, de fato, como papa reformador, a começar pela explicação dada sobre o nome adotado, passando pelos discursos que foram sendo feitos até a publicação de sua Exortação programática *Evangelii Gaudium* (Passos, 2019, p. 38).

Pode-se identificar uma reforma carregada de promessas efetivas nas estruturas de Igreja, que são praticadas dentro de uma burocracia tradicional da Cúria romana. “Se a máquina curial continua funcionando com sua lógica tradicional, o novo papa dedica-se a demarcar posturas novas enquanto tal. Não poupando críticas a sua própria Cúria e adotando posturas mais severas em relação aos desvios morais dos clérigos (Passos, 2019, p. 38). A visão programática do Francisco vem a partir da periferia e não do centro da máquina administrativa, ou podemos dizer que o “centro” lançando novos programas da missão apontando como devem comprometer as “periferias” com as atitudes proféticas. Trata-se de uma espécie de duplicidade de poder, uma vez que o carisma da mudança que rompe com os padrões estabelecidos convive inevitavelmente com os poderes instituídos que governam a máquina burocrática.

O pontífice costurou os dois aspectos em sua vida: a intuição e a visão. A intuição é a solidez interna e a visão é a tradução dela ao mundo externo. A intuição é resultado da oração, da contemplação e de um olhar constante para si, e a visão é um olhar para o mundo que prioriza os necessitados e o diálogo com o mundo contemporâneo. A intuição purifica o “ser” e a visão determina o lugar do “fazer”. A união desses dois aspectos deu origem aos pilares principais do seu legado: “Igreja em saída”, “sinodalidade”, “Ecologia Integral”, “Acolhimento e Acessibilidade”, e também “Reforma da Cúria” para não mencionar os outros.

Será que esse casamento entre a intuição e visão foi uma herança inaciana ou do próprio Bergoglio? Claro, percebe-se por meio dos seus ensinamentos, caracterizados por uma forte teologia e espiritualidade do encontro, da escuta e do discernimento, algo da Companhia de Jesus contemplado no seu pontificado. Para analisar a contribuição jesuítica e reconhecer no pontificado do Papa Francisco o carisma inaciano, é necessário consultar alguém que pertence à Companhia de Jesus. Pe. Adelson Araújo dos Santos, um membro da Companhia de

Jesus, professor da Pontifícia Universidade Gregoriana em Roma, destaca três características centrais deixadas por Santo Inácio em seus Exercícios Espirituais, que moldaram a espiritualidade e o carisma dos jesuítas e que acompanharam Francisco diariamente na sua experiência de Deus e na sua missão como bispo de Roma e sucessor de Pedro⁴.

A primeira característica é a de sentir-se chamado a ser um “contemplativo na ação”. Toda a espiritualidade inaciana apresenta uma harmonia total entre a vida espiritual e a vida apostólica. Isso é combinação perfeita entre o ser e o fazer, quer dizer, tudo aquilo que fazemos e em qualquer ambiente onde estivermos devemos buscar e encontrar a Deus. Essa forma de viver remete ao hinduísmo, onde toda a natureza se encontra vibrando com a presença de Deus, o divino não somente experimentado apenas nos momentos formais de oração ou no interior dos templos ou conventos. A contemplação na ação é realizada de tal forma que seja

O Espírito de Cristo a guiar tudo aquilo que faço ao longo do meu dia, para que se cumpra a vontade de Deus na minha ação apostólica. E, por outro lado, permite que o meu ministério e serviço não sejam um mero ativismo ou rotina profissional, mas sejam fruto da minha oração, como um encontro íntimo com o Senhor que não me fecha em mim mesmo, mas abre sempre para a missão e para os demais (Santos, 2025, p. 1)

Essa herança inaciana da harmonia entre oração e ação refletiu na vida do Papa Francisco, pois ele soube viver e ensinar tendo sido ele mesmo um grande contemplativo. Ao contemplar, viveu duas vertentes dentro de si, a primeira um profundo testemunho do valor da oração e da vida espiritual, e a segunda, um olhar constante no próximo, especialmente aos mais necessitados. A integração dessa característica foi a base de todo o seu pontificado.

A segunda característica dos Exercícios Espirituais inacianos é o “modo de viver a fé e a espiritualidade”. Os Exercícios inacianos levam os membros a meditar e contemplar a criação divina como obra do amor que Deus tem para com cada uma de suas criaturas, de modo muito especial ao ser humano. A base dessa espiritualidade se encontra na contemplação do plano Divino, onde a Santíssima Trindade resolve enviar ao mundo o Redentor, não para condenar, mas para salvar o mundo, por meio de Jesus, caminho, verdade e vida (Jo 3,16-17). E, quando pelo pecado pessoal e estrutural essa criação é ameaçada e destruída, afastando-se do plano divino, os Exercícios Espirituais levam a meditar e dialogar com as diferentes culturas e com todas as criaturas que conosco habitam a mesma casa comum, que é o nosso planeta.

Nesse modo de ver a espiritualidade inaciana encontra-se a semente da preocupação do Papa pelas criaturas de Deus, ao escrever uma encíclica (*Laudato Si'* – 2015), onde ele nos chamando a atenção

para a necessidade de cultivarmos uma ecologia integral, que cuide melhor de tudo aquilo que Deus criou e nos chama a uma mudança de hábitos e uma verdadeira “conversão ecológica” para assegurar às futuras gerações um mundo melhor, ele certamente estava

⁴ . A abordagem sobre as características é o conteúdo baseado na reflexão do Pe. Adelson, que é membro da Companhia de Jesus que conhece o caminho trilhado pelo Bergoglio.



expressando uma espiritualidade que não nos deixa indiferentes ao que se passa ao nosso redor e com os nossos semelhantes e outras criaturas de Deus, pois nos Exercícios inacianos rezamos que Cristo deseja ter colaboradores que o ajudem em sua missão redentora e salvífica (Santos, 2025, p. 2).

A implicação dessa característica é viver uma espiritualidade que se preocupe com a dimensão ambiental, social, política, cultural e cotidiana da vida, já que em tudo isso vemos o Espírito de Cristo numa forma mais concreta. Além disso, o pontífice mostrou também a fonte da espiritualidade inaciana quando escreveu *"Fratelli Tutti"*, encíclica que nos recorda que somos todos irmãos e irmãs, portanto, temos que ter cuidado pelo outro, como queria Santo Inácio que fossem as relações fraternas nas comunidades jesuítas, chamando a seus membros de "amigos no Senhor" e levando-os a praticar a solidariedade e a justiça do Reino em favor dos que sofrem injustiças e abandono.

Finalmente, a terceira característica marcante do carisma inaciano é o "discernimento", talvez o pilar central do todo o processo inaciano do seguimento. O discernimento fazia parte das todas as decisões que Francisco tomava em seu pontificado. De fato, este é um dos maiores dons deixado pelos Exercícios Espirituais, não apenas para os membros da Companhia de Jesus, mas para todos os cristãos. Como afirmou o Superior Geral dos jesuítas, Pe. Arturo Sosa, "os Exercícios Espirituais Inacianos são um tipo de escola do discernimento. Seguindo os Exercícios Espirituais, toda pessoa pode ser ajudada a escutar a voz de Deus chamando a totalidade da vida humana a decidir pelo seguimento dessa voz – para fazer uma escolha" (Santos, 2025, p. 2).

O pontificado do Francisco foi uma constante escola de discernimento apostólico e eclesial, como se verificou no conteúdo de todas as encíclicas. Observou-se também um profundo discernimento durante a pandemia com a Igreja fechada, porém, o cuidado do rebanho como pastor teve continuidade. Além disso, recentemente, com o Sínodo da sinodalidade, cujo tema foi "Por uma Igreja Sinodal: Comunhão, Participação e Missão", percebeu-se, claramente o desejo do Papa de que nós nos puséssemos em um caminho de reflexão, no qual todas as vocações da Igreja - leiga, religiosa, sacerdotal, diaconal - se sentissem chamadas a participar ativamente, escutando-se mutuamente e discernindo a voz do Espírito Santo falando por meio de todos os batizados e batizadas (Santos, 2025, p. 2).

Muitas outras características do modo de ser, de pensar e de agir do Papa Francisco podem ser identificadas como oriundas das fontes inacianas, que foram fundamentos para uma Igreja humilde, missionária e em "saída".

3. Perspectiva do "centro"

Refere-se ao olhar a partir do interior da própria Igreja, talvez tenha sido um período mais turbulento e sutilmente violento, pois, decorre em todos os setores, como entre o governo central e as Igrejas locais, entre o universal e o local, entre a unidade e a diversidade e entre a instituição e o carisma (Passos, 2029, p. 39). O processo de descentralização em diversas áreas administrativas e burocráticas, inclusive o lugar de sua moradia e a inclusão das mu-



lheres e leigos em campos diversos nas decisões eclesiais, até então eram reservados somente aos grupos do topo da pirâmide. A reforma da Igreja e da Cúria Romana foi mais radical, onde criaram-se as divisões e surgimento de diversos grupos no interior da mesma Igreja. Um olhar fenomenológico nos leva a identificar três grupos distintos: grupo tradicional, grupo moderno e grupo conservador.

Esse olhar do “centro” para a Igreja como “Toda”, exige uma análise antropológica para ver os mecanismos que esses grupos utilizam para atingir seus objetivos. Desde o Vaticano II, as funções dos fiéis são definidas conforme a escolha da vocação no interior do conceito “Povo de Deus”. Depois de 65 anos do Concílio, muitas coisas permanecem como eram, e não ocorreram as mudanças esperadas. No guarda-chuva do “Povo de Deus”, todavia, as hierarquias preservadas, como no domínio do clero no campo dos sacramentos, na organização paroquial ou diocesana e na celebração litúrgica. A grande maioria do povo de Deus, os leigos, precisava trilhar o caminho conforme as orientações dos da escala hierárquica. No pontificado do Francisco a visibilidade dos três grupos se tornou muito nítida, com as relações amargas, fricções constantes e opiniões divergentes.

O primeiro grupo é tradicional, que realiza seus trabalhos de evangelização em modos antigos. O grupo quer viver sua fé afirmando a opção pelos pobres, abraça a teologia da libertação e quer reassumir e impor esse caminho da evangelização para toda a Igreja. Porém, o grupo é cada vez menor, a grande maioria com a idade avançada e possuem pouco espaço no contexto atual da Igreja.

O segundo grupo considera-se moderno, são membros que utilizam a estrutura eclesial para próprios benefícios quando é necessário, pois consideram a Igreja como autoajuda. Os membros “pertencem” à Igreja “sem pertencer”, participam nas celebrações, realizam os sacramentos e algumas atividades sem compromisso concreto. O maior grupo de fiéis da Igreja faz parte desse grupo no contexto atual.

O terceiro grupo é conservador, se apoia nas tendências midiáticas, conectado com as redes e vive da ideologia das redes. O grupo por vezes é ultraconservador, quer voltar aos aspectos ritualísticos com vestimentas mais rígidas, e quer trazer as práticas mais antigas da vivência da fé, por vezes muito confuso, parece não ter uma identidade ou uma identidade bastante confusa. O grupo parece ter pouco compromisso com a realidade social, opção pelos pobres ou outras causas sociais ou ambientais. Esse grupo está em ascensão em termos de números, devido à falta de identidade, por vezes é violento em relação às práticas de outros grupos.

Alguns cenários externos contribuíram para esse mapa interno da Igreja como globalização, efeitos pandêmicos e tecnologia digital, onde as relações passaram pelas modificações, fornecendo espaço à gênese dos grupos. A facilidade para comunicar e manter-se conectado com as informações atualizadas deixou a Igreja antenada. Por exemplo, o primeiro grupo segue com a saudade dos métodos antigos da evangelização; o segundo, procura ao máximo os benefícios que a Igreja possa oferecer; enquanto o terceiro, conectado às novas tecnologias, se apegua às rubricas ritualísticas. Portanto, conduzir e governar uma Igreja dividida em grupos não é uma tarefa simples, também exige discernimento adequado. Nesse sentido, “o Papa Francisco será condenado pelos juízos extremos: dos institucionais, que



o veem como irresponsável e herético, e dos renovadores, que o veem como mediador e conformato às estruturas” (Passos, 2019, p. 39).

4. Reflexões abrangentes com perspectivas múltiplas

O legado do Papa Francisco recebe a visibilidade entre inúmeras homenagens recebidas no momento do seu falecimento, no dia 21 de abril, um dia após a celebração de Páscoa de 2025. Ficou evidente com a presença dos líderes mundiais, de culturas, etnias e religiões diferentes na missa de despedida, reconhecendo sua contribuição ao bem-estar da humanidade com compartilhamento do apreço e o agradecimento. Francisco era visto como João Batista, uma voz gritando e pedindo para aplainar os caminhos da humanidade para viver em paz e harmonia. Observamos nesse legado uma união de elementos opostos e complementares: Cardeal Bergoglio e Papa Francisco; periferia (Igreja do Sul) e centro (Igreja do Norte) intuição e visão e, por fim, jesuíta e franciscano. Essa circularidade entre dois personagens constituiu uma opção radical que é paradigma da “Igreja em saída”.

Vale destacar algumas reflexões vinculadas ao seu legado, iniciando com as palavras-chaves do seu pontificado apresentadas no livro: Dicionário do Papa Francisco. Essa obra contempla e analisa diversos olhares do Papa sobre a realidade interna da Igreja e externa da humanidade, chamando a atenção dos líderes mundiais. O autor abre a obra com o prólogo, com o pronunciamento inicial do então Arcebispo de Buenos Aires, em 1999, para os empresários:

um processo de esvaziamento das palavras - palavras sem peso próprio, palavras que não se tornam carne. São esvaziadas dos seus conteúdos; então Cristo não entra como pessoa, como ideia. Há uma inflação de palavras. Trata-se de uma cultura nominalista. A palavra que perdeu peso é oca. Falta-lhe base, falta-lhe a “centelha” que a torna viva e que consiste precisamente no silêncio (Torralba, 2025, p. 9).

Esse pronunciamento do Bergoglio é uma flecha para a universalização da periferia, iniciando seu caminhar como Jesuíta, passando pelo Arcebispado de Buenos Aires e transportando a experiência do Sul global ao centro do Catolicismo, a cidade eterna de Roma, com o nome de Francisco. Nessa trajetória encontra-se uma profunda união, uma passagem da Igreja Ocidental à Igreja Global.

Talvez a contribuição mais sábia e profunda que o Papa deixou como seu legado é a introdução de quatro princípios para a construção de um povo, que foram desenvolvidos a partir da Exortação *Evangelii Gaudium* (EG). Bergoglio construiu os pensamentos dos princípios pela experiência de convivência e leitura dos teólogos como João Carlos Scannone e Gustavo Gutierrez, fundador da ‘Teologia da Libertação’. Os princípios são: “O todo é mais do que a soma das partes; a unidade vence o conflito; a realidade pesa mais do que as ideias; o tempo prevalece sobre o espaço” (Strazzari, 2014, p. 51). Esses princípios também possuem fundamentos na leitura do Romano Guardini, que o Papa estudou e “estão em relação com as tensões bipolares próprias de toda realidade social (EG 221), que poderiam ameaçar a paz, mas podem e devem também ajudar ao contrário, a favorecê-las” (Scanonne, 2019, p. 257).



A tradução e aplicação dos quatro princípios ocorre numa forma sistemática na retomada deles no *Laudato Sí*, quando Francisco constata que a especialização e a fragmentação dos diversos saberes científicos apresentam dificuldades para encontrar caminhos adequados para resolver os problemas do mundo contemporâneo, sobretudo os do meio ambiente e dos pobres. Nesse ponto, Francisco conclui, “assim se demonstra uma vez mais que ‘a realidade é superior à ideia’ (LS 110). Nesta encíclica, Francisco se coloca no cenário internacional, demonstrando a responsabilidade da Igreja em promover “ecologia integral” e o cuidado com a vida, defender os povos indígenas e a redução do consumo desenfreado e da produção de energia que degrada o meio ambiente.

Francisco afirma que a ciência das mudanças climáticas é clara, portanto, é uma questão moral para a Igreja Católica proteger a Terra e todos os habitantes que nela vivem. A encíclica exerce influência direta, servindo como pressão moral e ética para que os líderes políticos assumam compromissos concretos com o meio ambiente.

Não serve um projeto de poucos para poucos, de uma minoria iluminada ou testemunhal que se apropria de um sentir coletivo. É um acordo para viver juntos. É vontade expressa de querer ser povo-nação no contemporâneo, é uma experiência de povo em marcha na história com as dificuldades e os contratempos. As alegrias e as penas, as dores e as satisfações (Strazzari, 2014, p. 103).

O conteúdo da encíclica *Laudato Sí* apresentou novos olhares sobre a natureza, desde então encontra-se uma nova expressão “cuidado da Casa Comum”, e novos compromissos assumidos pelas Igrejas locais em relação ao nosso Planeta.

Outro destaque do seu legado, a sua voz profética pela paz e justiça dando prioridade à inclusão e ao acolhimento. O discernimento espiritual diante dos conflitos armados, crises humanitárias e desigualdades sociais se tornou o exemplo da pacificação do interior para melhor compreender a paz no mundo exterior. A defesa da construção de “pontes e não muros”, para criar uma irmandade universal apresentada na encíclica *Fratelli Tutti*, outro exemplo louvável.

Desejo ardentemente que, neste tempo que nos cabe viver, reconhecendo a dignidade de cada pessoa humana, possamos fazer renascer, entre todos, um anseio mundial de fraternidade (...). Ninguém pode enfrentar a vida isoladamente (...); precisamos duma comunidade que nos apoie, que nos auxilie e dentro da qual nos ajudemos mutuamente a olhar em frente. (...) Sonhemos como uma única humanidade, como caminantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos (FT 8).

Uma maneira inteligente de pôr em ordem e compreender o movimento das inter-relações se encontra na introdução do conceito-chave como *poliedro*. “Essa concepção reúne, com efeito, as diversidades na unidade, assume e supera os conflitos na harmonia das diferentes partes, conservando cada uma a sua contribuição original” (Scanonne, 2019, p. 276). Essa perspectiva conceitual dialoga bem com a proposta hinduísta que diz: “Plenitude por toda a parte. Da plenitude origina-se a plenitude. Quando a plenitude se origina da plenitude, a plenitude permanece. Om paz, paz, paz”. (Invocação de Isa Upanishad). Quer dizer o



Todo é superior às partes, onde todos são incluídos, seria uma forma simples que Francisco utilizou de defender os pobres rompendo as barreiras com palavras e gestos poderosos.

Finalmente, não se pode esquecer duas virtudes pessoais do seu legado: a santa simplicidade e o discernimento autêntico. A primeira vem do Francisco de Assis que foi e ainda é uma inspiração para milhões de seres, inclusive nos tempos contemporâneos, com sua espiritualidade mais ampla; a segunda, adquirida do Santo Inácio de Loyola, que sempre apresentou os momentos distintos de silêncio para o discernimento nos momentos das crises. As duas virtudes eram necessárias para administrar o turbulento pontificado que foi denominado com duas metáforas: Condor e Avestruz (Suess, 2019, p. 123). Depois da renúncia de Bento XVI e também depois do longo inverno eclesial, o Bergoglio foi eleito para trazer esperança para a Igreja. “Como um Condor, em voo livre, Francisco desceu dos Andes latino-americanos e pousou nas colinas de Roma, onde se encontrou com avestruzes que não sabem voar. Quando aparecem as dificuldades, eles correm ou escondem sua cabeça na areia” (Suess, 2019, p. 124). Assim, Francisco encontrou Roma, os avestruzes presos às estruturas eclesiais, nos momentos da crise escondiam as cabeças na areia. O paradigma da “Igreja em saída” introduzido pelo Francisco, a partir da sinodalidade é um horizonte para a Igreja caminhar nas águas mais profundas e também no meio das pedras. A vivência da santa simplicidade e o discernimento autêntico é o caminho para a Igreja trilhar cada dia, é um legado deixado pelo Francisco para nós.



5. Considerações finais

A passagem do pontificado do Francisco apresenta diversos questionamentos e inquietações, porém deixou um legado de esperança, respeito e amor por todos os seres que vivem no nosso planeta. A eleição dele, um Papa oriundo do “fim do mundo”, desestabilizou o velho centro, quase acostumado a domesticar autoritariamente a periferia (Brighenti, 2019) trazendo novas luzes sobre a liderança no contexto atual. Com ele a periferia ou a Igreja do Sul Global recebe a visibilidade no centro, como “a circularidade entre o governo central e governos locais, entre a Igreja universal e Igrejas locais assume um ciclo virtuoso – para alguns vicioso – e explicita de modo claro as práticas da comunhão e da colegialidade” (Passos, 2019, p. 55). As impressões deixadas pelo Francisco têm uma abrangência universal, intercultural e inter-religiosa, basta olhar as obras publicadas por ele e pelos outros sobre ele. Como afirma Sekar (2025, p. 2)

É difícil explicar sem soar excessivamente romântico, mas quando você está na presença de alguém verdadeiramente bom - não performativamente, não «publicamente moral» ou seletivamente gentil - mas genuinamente, profundamente, implacavelmente bom ... algo desloca em você. Você se sente mais leve. Você se sente mais corajoso. Você sente que a humanidade, apesar de todas as suas feridas e maldade, ainda vale a pena lutar.

Que as pessoas, em cada canto do planeta, tenham sido tocadas pelas mensagens e pelo exemplo que ele deixou como seu legado. As lições do Francisco tragam benefícios para a humanidade, um futuro mais pacífico e próspero e assim como um novo tempo para todos os seres. A perspectiva de “fora” a partir do conceito “avatar” de criar uma nova ordem,



novo ciclo e uma nova Era receba sua concretude. A fé do Papa Francisco em um mundo onde a dignidade não era condicional, onde a fé era vivida e não apenas pregada, receba a amplitude. O clamor do pontífice - não ao desespero mas ao dever, tenha uma abrangência universal para construir o mundo melhor. Esses rumos indicados pelo nosso Pastor, sejam assumidos pela coerência e fidelidade pela Igreja e pela humanidade. A luz do seu legado se espalhe em cada canto do nosso planeta e nessa forma possamos colher bons frutos como afirmam as Sagradas Escrituras do Hinduísmo: "o bem que fizemos na véspera é o que nos traz a felicidade pela manhã".

6. Referências

BOFF, Leonardo. (Prefácio) **Com o Papa Francisco termina a Igreja só ocidental e começa a Igreja universal**. IN: BRIGHENTI, Agenor (org.) Os Ventos sopram do Sul: o Papa Francisco e a nova conjuntura eclesial. Paulinas, São Paulo, 2019, pp 7-9.

BUKUNOVICKY, Walter. **Papa Francisco: o legado e seu exemplo de vida**. Editora Príncipis, São Paulo, 2025.

CAHILL, Molly. **Why Pope Francis means so much to non-Catholics**. Disponível em:

<https://www.americamagazine.org/faith/2025/04/04/why-pope-francis-means-so-much-non-catholics-250293/> (acesso: 13/10/2025).

STRAZZARI, Francesco. **Para conhecer o Papa Francisco**. Paulinas, São Paulo, 2014.

FRANCISCO, **Papa: carta encíclica Fratelli Tutti: sobre a fraternidade e a amizade social**, Roma, 2020.

FRANCISCO, Papa. **Esperança: A autobiografia com Carlo Musso**. Editora Fontanar, São Paulo, 2025.

PASSOS, João **Da periferia para o centro: a influência das Igrejas do Sul na nova conjuntura eclesial**. IN: BRIGHENTI, Agenor (org.). **Os Ventos sopram do Sul: O Papa Francisco e a nova conjuntura Eclesial**. Paulinas, São Paulo, 2019. Pp 21-57.

PRABHUPADA, Bhakti. **Bhagavad Gita**. A Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna (ISKON) São Paulo, 1976.

SANTOS, Adelson Araújo. **O legado espiritual deixado pelo Papa Francisco**. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2025-04/legado-espiritual-deixado-papa-francisco.html> (acesso: 30/09/2025)

SCANONNE, Juan. **A teologia do povo: Raízes teológicas do Papa Francisco**. Paulinas, 2019.

SEKAR, Vinod. **The Loss of a Good Man: A Tribute to Pope Francis and the Power of Universal Faith**. Disponível em: https://web.facebook.com/groups/1001532419964771/posts/9440886236029305/?_rdc=1&_rdr# (acesso: 10/10/2025).

SUESS, Paulo. **Igreja em saída: compromissos e contradições na proposta missionária do Papa Francisco**. IN: BRIGHENTI, Agenor (org.) Os Ventos sopram do Sul: o Papa Francisco e a nova conjuntura eclesial. Paulinas, São Paulo, 2019. Pp. 111-125.

TORRALBA, Francesc. **Dicionário do Papa Francisco: As palavras-chave de um Pontificado**. Editora Farol. São Paulo, 2023.



Recebido: 12 de abril de 2026.

Aceito: 28 de abril de 2026.